



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
CÂMPUS DO PANTANAL

**Uma breve etnogeografia das territorialidades dos jovens da pastoral
salesiana em Corumbá-MS**

Romário Corrêa Ramos

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso
de Licenciatura em Geografia da Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do
Pantanal – Área de Geografia Social e Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Élvis Christian Madureira
Ramos

Corumbá-MS

2023

ROMÁRIO CORRÊA RAMOS

**Uma breve etnogeografia das territorialidades dos jovens da pastoral
salesiana em Corumbá-MS**

Banca examinadora

Nome: Prof. Dr. Dario Ferreira Souza Neto

Nome: Prof. Dra. Ana Carolina Torelli Marquezini Fraccin

Corumbá

2023

Dedico este trabalho a minha mãe Rosa Maria do Nascimento Corrêa e a minha avó Sebastiana do Nascimento Corrêa que me incentivaram a não desistir dos meus objetivos; e aos jovens, a quem dedico o meu trabalho a eles e por eles.

Agradecimentos

Agradecer a Deus pelas oportunidades que me deu, seja no trabalho nos estudos, sob a intercessão de Nossa Senhora Auxiliadora e São João Bosco;

A minha família, em especial a minha mãe e a minha avó, que sem dúvidas foram o motivo de não desistir do curso nesses 4 anos e meio;

Ao meu orientador Prof Dr. Élvis Christian que me aceitou a não só me orientar, como também me incentivou a realizar este TCC; E aos professores do Curso de Geografia que de certa forma contribuíram para a minha formação;

A Obra Social Cidade Dom Bosco, onde trabalho por quase 7 anos em prol da juventude e dos menos favorecidos com qual eu dedico diariamente nos diversos momentos;

A todos os meus colegas do curso de Geografia pela troca de ideias e de experiências durante esses anos de estudo e formação;

Aos meus amigos que me ajudaram em diversos momentos como acadêmico e me apoiaram em dias difíceis.

RESUMO

Esse trabalho visa discutir e apresentar contribuições sobre as realidades dos grupos juvenis, em especial da Obra Social Cidade Dom Bosco, em Corumbá (MS). Será apresentado as definições e características da juventude, para que possa ser apresentado a realidade do jovem fora da instituição, através de suas interações com os colegas que convivem na Pastoral Juvenil Salesiana. Para melhor compreensão, tudo foi relatado através de um diário de campo que contém o dia a dia destes jovens na sala de pastoral, nos momentos de acolhida e convivência no grupo de jovens da Paróquia São João Bosco.

Palavras-chaves: Juventude, Territorialidade, Salesianos, Cidade Dom Bosco, Realidades Juvenis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Foto da Cidade Dom Bosco	11
Figura 2	Jovens em diferentes gerações	18
Figura 3	Jovens que participaram das Jornadas Salesianas de 2021 a 2023	23
Figura 4	Sala da Pastoral Juvenil Salesiana no intervalo.....	24
Figura 5	Porto Geral às margens do Rio Paraguai	26
Figura 6	Qual sua idade?	28
Figura 7	Quais atividades você realiza/ ajuda na Cidade Dom Bosco?.....	28
Figura 8	Fora da instituição, como você convive com seus amigos? Qual o “rolê” de vocês?	29
Figura 9	Quais são os assuntos debatidos entre vocês fora da instituição?	29
Figura 10	Selecione os lugares que vocês mais frequentam com os amigos	30

SUMÁRIO

1 - Introdução	8
2 - Etnogeografia	10
2.1 - Local e contexto da pesquisa	10
2.2 - Método etnogeográfico	11
2.3 - Quem é o observador participante da pesquisa?	12
2.4 - O perfil do diário de campo	13
2.5 - Territorialidade e sociabilidade: conceitos estruturadores	14
2.5.1 - O que é territorialidade?	14
2.5.2 - O que é sociabilidade?	15
3 - Juventudes e ser jovem	17
4 - As experiências no cotidiano através do Sistema Preventivo de Dom Bosco	21
4.1 - A pedagogia salesiana e o espaço simbólico da Pastoral	21
4.2 - O que busca o trabalho pastoral?	22
4.3 - O espaço da Pastoral Cidade Dom Bosco	23
5 - Os jovens e suas práticas de sociabilidade e territorialidade fora da Cidade Dom Bosco	26
6 - Considerações finais	33
7 - Referências Bibliográficas	35

1 – Introdução

O trabalho trata sobre as diferentes realidades juvenis, que varia entre gerações e dependendo do lugar onde está presente, o seu comportamento e o seu modo de ser. O foco serão os jovens atuantes da Pastoral Juvenil Salesiana da Cidade Dom Bosco, entidade religiosa, social e educacional localizada no Bairro Dom Bosco, em Corumbá, Mato Grosso do Sul.

Discorre sobre as mudanças de comportamentos, realidades dentro e fora da instituição, visto que, muitos deles são jovens que vivem em vulnerabilidade social, mas que buscam dentro da pastoral, maneiras de conhecer a si mesmo como também opção de fuga dos problemas no dia a dia através das atividades propostas (formações cidadãos e cristãos).

Além disso através do diário, compreendemos o diálogo entre eles durante os intervalos e acolhidas, onde expressam seus anseios e seus sentimentos. Conseguem expor através dos momentos propostos, a vontade em querer buscar algo de bom em sua vida, querer livrar 'os males' que afastam os jovens da espiritualidade juvenil, seguindo o Sistema Preventivo de Dom Bosco.

Por outro lado, alguns são atuantes como voluntários, mas que não deixam de encontrar com seus amigos em diferentes lugares como praças públicas, pontos turísticos, casas dos amigos e até eventos em locais fechados, que chamam de *rolê*¹, onde buscam fortalecer as relações de amizade entre eles.

Por isso, este trabalho é dividido pelas seguintes etapas: a etnogeografia, onde compreendemos os métodos utilizados na pesquisa, bem como o local que é realizado; definições dos conceitos de juventude e suas realidades; as experiências dos jovens da pastoral através da Pedagogia Salesiana e como o espaço proporcionado para os mesmos é ideal para não

¹ Neste trabalho os termos ou conceitos que dão voz aos sujeitos sociais, ou seja, suas categorias êmicas, serão usadas no modo itálico.

só acolhê-los como ouvi-los; e para finalizar, como são os jovens da pastoral fora da Cidade Dom Bosco e como convivem com seus amigos.

2 – Etnogeografia

2.1 – Local e contexto da pesquisa

Foi realizado a pesquisa de campo na Obra Social Cidade Dom Bosco, no Bairro Dom Bosco, Zona Oeste de Corumbá, localizada no Estado do Mato Grosso do Sul, situado na região Centro-Oeste do Brasil, há 2,1 km da região central do município e 5,4 km da divisa do Brasil com a Bolívia. A presença Salesiana é chamada de “cidade” devido as diferentes atividades educacionais, sociais e religiosas que acontecem para o público alvo (crianças e adolescentes).

Fundada pelo Padre Ernesto Saksida (1918-2013) há 62 anos atrás, proporciona aos adolescentes e jovens de Corumbá, Ladário e cidades fronteiriças de Puerto Quijarro e Puerto Suarez, uma oportunidade de transformação pessoal, através de ações que envolvem o voluntariado e o protagonismo juvenil. Ela é dividida por setores: Ação Social – Programa Adoção a Distância, Programa Crianças e Adolescentes Felizes (PCAF) e Programa Adolescente Aprendiz; e a Escola Estadual Dom Bosco, onde o público de jovens é maior e um bom número deles estão inseridos nos programas sociais da obra.

Nos programas sociais, atendem cerca de 400 atendidos de 06 a 18 anos que começam nas oficinas do PCAF e ao chegarem na adolescência, fazem parte do processo seletivo para a oportunidade do primeiro emprego formal. Na escola, são aproximadamente 1.700 alunos divididos nos três períodos, atendendo alunos do Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e Aceleração de Jovens e Adultos (AJA).

A instituição tem como mantenedora a Missão Salesiana de Mato Grosso e que tem convênio com a Secretaria de Estado da Educação do Mato Grosso do Sul. Com esta parceria, o prédio onde acontece as aulas é alugado para o governo, ofertando o ensino gratuito.

Figura 1 – Foto da Cidade Dom Bosco: Ação Social (centro) e Escola (esquerda)



Fonte: Arquivo da Cidade Dom Bosco

2.2 – Método etnogeográfico

Este método constitui em compreender as práticas dos sujeitos sociais em relação aos espaços produzidos, permitindo um aprofundamento dos grupos sociais. Ou seja, não basta apenas ir aos lugares para o estudo, mas também incluir seus diálogos, suas culturas e o modo de viver daquelas pessoas que são daquela localidade ou grupos. Para isso são necessários meios para uma aproximação maior com esses grupos, como reforça Barbosa (2018, p. 113):

[...] É preciso uma maior intimidade com os grupos sociais, uma melhor compreensão das geografias vividas em sua diversidade, com seus valores e suas visões de mundo distintas, assim como uma diversidade de organizações e mobilizações espaciais.

Diante disso, é necessário entender que o método etnogeográfico é a etapa de trabalho essencial, pois, percebemos que a cada instante a sociedade muda de comportamento e de opinião sobre determinados assuntos, o espaço onde ocupam também sofre alterações e o pesquisador é a chave para

apresentar através das informações recolhidas, ter um entendimento melhor das relações desses grupos.

Por isso, para este trabalho, esta forma de pesquisa é viável pois iremos observar e compreender a realidade dos jovens fora da Cidade Dom Bosco quanto suas práticas, como se relacionam e como expressam nos grupos sociais os seus sentimentos e suas expectativas.

2.3 – Quem é o observador participante da pesquisa?

Sou ex-aluno salesiano. Cursei o Ensino Médio no Colégio Salesiano de Santa Teresa nos anos de 2009 a 2011. Por ser uma instituição religiosa, preza pelo bem-estar dos educandos através das formações e ações da Pastoral Juvenil Salesiana. A partir dessa experiência, percebi que seguindo o exemplo de São João Bosco, poderia ajudar os mais necessitados, em especial os jovens.

Comecei a experiência de voluntariado no colégio e no Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora realizando ações como retiros, formações e encontros durante a semana e aos fins de semana. A partir de 2012, fui para a Paróquia São João Bosco, onde estou até os dias atuais. Coordenei o Grupo de Jovens “JASC” (Jovens Amigos Seguindo a Cristo), de 2014 a 2021. A partir desta responsabilidade, fui convidado para fazer parte da Equipe de Pastoral da Cidade Dom Bosco no ano de 2016.

Como coordenador do grupo jovem, aprendi a ter um olhar mais cuidadoso aos que estavam participando. Cada pessoa ali tinha suas limitações, mas que buscavam dentro da igreja uma maneira de ser uma pessoa cada vez melhor para si e para o próximo.

A oportunidade de liderar esses jovens me abriu um leque de oportunidades. Por várias vezes fui a cursos e formações em São Paulo (SP), Brasília (DF), Campo Grande (MS) e Cuiabá (MT) para aprofundar e compreender as diferentes realidades juvenis e como o Sistema Preventivo de Dom Bosco é essencial para este trabalho.

Por isso, a ideia de fazer esta pesquisa servirá não só como ferramenta de trabalho como também compreender esses protagonistas nos ambientes da instituição como também fora dela. Então, é necessário estar perto deles nos momentos de conversa e momentos livres como nos intervalos dos ensaios da quadrilha junina, nas saídas da Cidade Dom Bosco e da Igreja, onde os assuntos são mais livres.

2.4 – O perfil do diário de campo

Para realizar este trabalho, utilizei sistematicamente o diário de campo. Esse instrumento foi essencial não apenas para registrar as práticas dos sujeitos, mas dialogar comigo mesmo em relação as categorias de análise e observação, buscando equilibrar os bias/viesses da minha leitura das ações com as externalizações dos jovens. Os bias presentes na condução da pesquisa são parte de qualquer pesquisa com sujeitos sociais (MAY, 2004), uma vez que não entramos nos seus mundos sem termos o nosso próprio, com nossos valores, identificações e representações.

Neste sentido, o diário de campo como destaca Kroef, Gavillon e Ramm (2020, p. 466) que se constitui na realidade, como uma:

ferramenta de pesquisa que possibilita visibilizar aspectos da implicação do(a) pesquisador(a) com o campo estudado. Tal modalidade de escrita compreende a descrição dos procedimentos do estudo, do desenvolvimento das atividades realizadas e também de possíveis alterações realizadas ao longo do percurso da pesquisa, além de servir como uma narrativa textual das impressões do(a) pesquisador(a).

O diário desta pesquisa registra não apenas os comportamentos, diálogos e ações dos sujeitos, como também para entender a realidade vividas por eles durante o acompanhamento. Estão incluídos adolescentes e jovens de 15 a 23 anos, que fazem parte da Cidade Dom Bosco como alunos (setor escola), protegidos (setor social) e se encontram na Paróquia São João Bosco para ensaiar uma dança junina.

As anotações serviram de base para que os estudos pudessem ter uma maior profundidade, pois através delas percebemos a mudança pessoal e

social entre os diferentes momentos juntos na escola (manhã), no projeto social (tarde) e também na igreja (noite), já que neste período eles se reúnem para as festividades juninas.

Para um melhor entendimento, o diário foi dividido por dias e neste dia tem os tópicos: escola, projeto social e igreja. Cada parte apresenta o que fizeram, o que falaram ou que planejam para os próximos dias. Como nem todos se reúnem sempre no mesmo local, a maior parte de convivência com a maioria vem sendo a noite.

2.5 – Territorialidade e sociabilidade: conceitos estruturadores

2.5.1 – O que é territorialidade?

Sabemos que a territorialidade nesta pesquisa não é voltada para as delimitações territoriais, mas se relacionado com as práticas dos sujeitos sociais na produção de seus caminhos, permanências, identificações e apropriações do espaço (RAMOS, 2018).

Fazem parte dessas formas de territorialidade, a identidade local e no sentido de movimento, as denominações êmicas, suas corporeidades, suas expressividades etc. E para uma melhor compreensão, é necessário estar ciente desses conceitos, que originam-se das sociabilidades das redes juvenis e que dão nome para algumas de suas práticas espaciais (RAMOS, 2020)

Por exemplo, há jovens que coexistem num mesmo bairro, mas são pertencentes a diferentes grupos, se utilizam de outro repertório êmico e outras referências culturais. Sendo assim, podemos visualizar e entender que cada lugar, onde há conexão de indivíduos, tem suas formas de territorialidades.

Se tratando de juventude, eles conseguem fazer em um espaço (uma praça, por exemplo), um lugar de convivência e de pertencimento a um grupo, mesmo que não pertença àquele local. Conseguem trazer suas características e unem-se ao demais que também trazem consigo sua maneira de viver. Com isso, percebemos que os múltiplos territórios são importantes para o convívio deles.

Entretanto, é necessário ressaltar que a territorialidade são esses conjuntos de relações que permitem em um espaço na sociedade ao longo do tempo. Com isso, ganha-se uma identidade própria naquele lugar no dia a dia. São essas relações sociais que permitem o sentimento de pertença.

Merece destaque neste trabalho o termo êmico *rolê*, que é uma forma de territorialidade. Para Ramos (2017) em seu trabalho etnogeográfico, existem diversas formas de *rolê*, que variam em relação as práticas espaciais das microculturas juvenis. Cada *rolê* informa um tipo de uso e apropriação dos espaços nas cidades, bem como, as expressividades juvenis são parte do tecido sociocultural da sociedade.

2.5.2 – O que é sociabilidade?

Na acepção de Georg Simmel, sociabilidade é uma forma espontânea de interação social, livre de qualquer interdependência entre os indivíduos. Liberta de pressões ou coerções. A sociabilidade e a forma de interação social que "não possui um fim definitivo, nem conteúdo, e nem resultado fora dela mesma" (MAIA, 2001, p.11).

Quando ele fala de sociabilidade, a nota principal não é tanto de interdependência, mas de reciprocidade. Essa sociabilidade se dá como um conteúdo que nasce da vitalidade, espontaneidade e dos impulsos dos sujeitos em suas reciprocidades. Uma "orientação voluntária e livre" (MAIA, 2001, p. 9)

Dependem das relações interpessoais para expressar seus sentimentos, valores e suas próprias característica do seu modo de vida. As suas comunicações e linguagens começam desde a infância com os primeiros gestos e falas e com o tempo vai se aperfeiçoando de acordo com a idade.

As relações de sociabilidade entre os jovens acontecem de maneira direta e mais espontânea. Através disso se sentem pertencidos a uma realidade local e conseguem até se comunicarem entre grupos de diferentes regiões.

Em realidade não apenas os jovens, como os demais grupos e estratos sociais estabelecem um maior interligação de pontos no espaço. O que significou não apenas o aumento do trânsito cultural das pessoas entre locais e regiões como também os novos meios de comunicação de massa multiplicaram a difusão de conteúdos numa escala transnacional. São novas formas de interações sociais desencaixadas do local, que, sob ações a distância, se ampliaram como redes de sociabilidade e diversas possibilidades identitárias (RAMOS; MILANI, 2022). De uma sociabilidade comum e próxima fisicamente, para uma sociabilidade em rede (TURRA NETO, 2012).

Por isso, é necessário entender que os jovens não estão fixos no espaço e também não estão autocentrados em grupo apenas, mas vivem em trânsito e coexistindo-se em diversas redes de sociabilidade que estabelecem em suas territorialidades.

3 – Juventudes e ser jovem.

O ser jovem é buscar em si maneiras de não só descobrir o mundo, mas como a si mesmo; é buscar valores e fazer parte da sociedade em que vive. Para isso, é necessário o intercâmbio de valores e de pensamentos e assim formarem grupos juvenis que permitem a troca de experiências, através de diferentes frentes como o protagonismo e que se envolvem além de seus grupos proximais. São responsáveis por ajudarem na construção da sociedade por meio de seus ideais.

Os jovens para Dayrell (2003, p.42), podem ser entendidos como “sujeitos sociais”, pois através da sua realidade e do seu modo de viver são capazes de vivenciar a juventude. Ainda que para muitos é apenas uma fase ou é o tempo de preparação para a vida adulta, é a partir dela que surgem ideias de transformação pessoal e da sociedade em que vivem.

Compreendemos que o mundo em que habitamos muda a cada instante o seu agir, pensar e fazer. E através dos meios culturais, favorece não só a criação de grupos juvenis, como também as suas identidades no coletivo e principalmente no individual.

Diante disso, entendemos que a juventude é a parte preciosa da formação humana. Ou seja, a partir desta fase conhecemos não só a realidade ao redor, como também o entendimento de formar opinião, de buscar conhecimentos e saber diferenciar até onde pode alcançar seus ideais e objetivos.

As transformações na sociedade ao longo da história colaboram também para as mudanças da juventude, pois em cada fase são pensamentos e ideologias diferentes. São modos de ‘ser jovem’ que diferenciam a cada geração.

Turra Neto (2014) destaca que o conceito de geração não apenas possibilita focar nas sociabilidades de uma certa juventude, como de sua situação geracional, associando tempo e espaço nesta compreensão. O que implica abrir a lente para questões sobrepostas, por exemplo, acesso as

práticas espaciais do passado, a relevância das alterações estruturais da cidade, abertura ou fechamento para conexões culturais externas, modo como aterrissaram ou se implantaram estas culturas urbanas, a complexidade do espaço urbano e seu efeito nas próprias sociabilidades e territorialidades juvenis.

Além disso da questão geracional, entra também no campo social das juventudes, suas expressões culturais. E isso vai desde o estilo de roupas, músicas e tudo aquilo que podem absorver culturalmente no seu dia a dia com as pessoas que convivem (familiares e amigos).

Em cada época a juventude sofreu diferentes formas de tratamento, representação e estudos, pesando sobre ela, em geral, visões reducionistas e pouco afeita a pluralidade de suas práticas e modos de ser jovem. RAMOS (2015, p.136)

Figura 2 - Jovens em diferentes gerações.



Fonte: Google Imagens e Arquivo Pessoal.

Há também certas concepções de juventude como 'aproveitar a vida', ou seja, viver intensamente cada momento, independente do seu estado social e

financeiro. Para isso, é necessário conhecer a sua territorialidade e como acontece as interações entre os mais diferentes grupos juvenis. O espaço onde o jovem atua é essencial para conhecermos suas características e origens.

Os grupos juvenis são essenciais para o aprendizado e fortalecimentos de vínculos entre as pessoas. É neles que cada um encontra suas particularidades e por muitas vezes, acabam conhecendo a realidade do outro. Essa 'reunião' de jovens possuem diversas frentes: artes (música, teatro e dança), sociais (movimentos), estudantis (grêmios, grupos de estudo), de esportes, entre outros, como destaca BAQUERO e HAMMES (2006 p.28)

Nesses grupos, os jovens partilham ideias, estudam e assumem juntos conflitos, vitórias e derrotas, reconhecem sua individualidade, colocando o grupo como referência e apoio para a afirmação pessoal e a construção da utopia possível.

É possível dizer que entre eles ocorre uma certa comunicação instantânea, visto que são responsáveis por consumirem por mais tempo as redes sociais, que é um espaço de convivência 'virtual', não deixando de lado os encontros presenciais.

Através dos grupos no WhatsApp conseguem manter uma relação próxima, ainda que não estejam do lado um do outro. Outras ferramentas virtuais de interação é o Instagram e o Tik Tok, que são plataformas digitais que possibilitam criar amplas redes sociais com um grande público juvenil, onde podem ter inspirações em diversos estilos de vida, baseado nos *influencers* (pessoas famosas) que uma boa parte possui a mesma idade.

Não podemos esquecer dos espaços educativos, que são as escolas e obras sociais, que segundo Dayrell e Gomes (2004, p. 14) “possibilitam, entre outras coisas, a convivência com a diversidade, onde os jovens tem a possibilidade de descobrirem-se diferente dos outros, e principalmente aprender a conviver respeitando estas diferenças”, ou seja, dentro das instituições educacionais é possível que o jovem pense sobre seus ideais, objetivos de vida, sem deixar de ter o respeito mútuo entre outros que são diferentes de si.

As territorialidades juvenis mostram aquele grupo que ocupa uma determinada região possuem suas próprias características, que vão desde estilos de roupas, as músicas que escutam e em algumas localidades, possuem suas próprias gírias. Isso é perceptível principalmente nas regiões periféricas e bairros afastados do centro das cidades.

Por isso, o foco desta pesquisa é apresentar a condição desses jovens da Cidade Dom Bosco que convivem de segunda a sexta e que mesmo com suas diferenças de origem social e estilos, conseguem ter uma conexão um com os outros, independentemente de sua origem ou características. Essa territorialidade formada por eles permite um entendimento maior de como é construída essa juventude.

4 – As experiências no cotidiano através do Sistema Preventivo de Dom Bosco.

4.1 – A pedagogia salesiana e o espaço simbólico da Pastoral.

Entre esses diversos grupos, há aqueles que atuam em espaços e/ou instituições religiosas. São responsáveis em transmitir suas ideias e experiências de vida dentro desses locais. E a Pastoral atua diretamente nas atividades da Cidade Dom Bosco.

A instituição tem como base para o trabalho, o Sistema Preventivo de Dom Bosco que é formado pelo tripé da razão, que busca compreender a verdade, assim como entender a importância dos valores da ética; pela religião, que através da Espiritualidade Juvenil Salesiana, expressa a presença de Deus no cotidiano de cada jovem, bem como fortalecer não só a fé como também para o crescimento humano; e *Amorevolezza*, que não há uma tradução definida para o português, mas que pode ser entendida como amor, amabilidade ou bondade e que expressa como o jovem precisa sentir dentro de uma casa salesiana.

O carisma de Dom Bosco e o seu sistema preventivo exortam-nos à ação, no plano pessoal e no plano coletivo. Com o olhar renovado, a preventividade através da educação deve transformar as estruturas de miséria e marginalização, particularmente dos menores de idade”. Q.F. Pastoral Juvenil Salesiana (2014, p. 84).

Através da Pedagogia Salesiana, os jovens demonstram mais interesse em participar das atividades propostas pela Pastoral Juvenil Salesiana, que vai de retiros até formações para seus próprios colegas da instituição.

Por exemplo, na Cidade Dom Bosco o primeiro objetivo desses jovens – em especial do ensino médio –, é participar da Jornada Salesiana. Este retiro visa mostrar para aquele aluno ou protegido da instituição a não só aprofundar a sua fé, mas como fortalecer a relação entre eles. Após esta experiência e troca de partilhas, são chamados para a missão de serem acolhedores daqueles que não conhecem o carisma salesiano.

Estes jovens possuem diversas realidades. Alguns já frequentavam suas comunidades católicas e já tem uma certa caminhada dentro deste propósito. Com esse aprendizado apenas colocam em prática dentro e fora do Grupo Juvenil de Pastoral. Outros, são de outras religiões, mas que mesmo dentro de uma instituição católica, ajudam através do voluntariado e nas propostas apresentadas, sem interferir naquilo que acreditam.

Não podemos esquecer também dos que nunca tiveram algum tipo de conhecimento sobre a Igreja e seus ensinamentos, mas que acabam buscando um propósito de vida dentro e até em alguns casos, fora da instituição. Estes, em especial tem uma convivência mais direta com o “mundo” fora da realidade espiritual.

4.2 – O que busca o trabalho pastoral?

São João Bosco (1815-1888) – Santo da Igreja Católica e Fundador da Sociedade São Francisco de Sales (Salesianos) – diz que “em cada jovem, mesmo no mais rebelde, há sempre um ponto acessível ao bem, e o primeiro dever do educador é descobrir essa fibra sensível do coração e fazer bom uso dela”.

E o trabalho da Pastoral Juvenil vindo sendo esse, de buscar nestes adolescentes e jovens, uma maneira de terem a oportunidade de fazerem as escolhas certas da vida, independentes das realidades que os cercam a cada dia.

É parte desta educação pastoral “formar bons cristãos e honestos cidadãos”, que entendemos que além do trabalho na busca de encontro com Deus através da espiritualidade, como também serem pessoas que tenham boas condutas em casa com família, com amigos e com as pessoas que não conhecem.

Não basta ser apenas um jovem de pastoral, é necessário que os ensinamentos de Jesus estejam alinhados com os valores do bem (empatia, amor, caridade, humildade, entre outros).

Figura 3 - Jovens que participaram das Jornadas Salesianas de 2021 a 2023



Fonte: Arquivos da Cidade Dom Bosco.

4.3 – O espaço da Pastoral Cidade Dom Bosco

Para que este trabalho pastoral flua de maneira positiva e que possa trazer outros jovens para este grupo, são necessários espaços adequados para a convivência e onde possam se expressar através da música, dança e inclusive nos jogos. Dentro da escola, por exemplo, há a Sala de Pastoral, onde durante os intervalos eles ficam neste local onde além de usufruírem materiais de música, de jogos e de livros, é também para conversarem, partilharem o que fizeram no dia anterior ou até mesmo para conversar com a equipe de Pastoral para algum aconselhamento ou orientações das atividades na instituição. Um espaço onde eles se sintam acolhidos, independente da religião que professa, da orientação sexual ou condição financeira.

Figura 4 - Sala da Pastoral Juvenil Salesiana no intervalo



Fonte: Arquivo da Cidade Dom Bosco

Então, toda casa salesiana deve primeiramente prezar pelo bem-estar de cada menor de idade que frequenta este lugar. É dentro dos pátios que eles conseguem expor seus objetivos, suas dificuldades e histórias de vida. Nestes espaços se sentem mais à vontade, não porque apenas estão se divertindo, mas também pelo fato de terem a oportunidade de expressarem o que sentem. E isso fortalece as atividades propostas para a formação humana e cristã, onde os jovens são os protagonistas, ou seja, responsáveis de ajudarem a transformar a vida do próximo.

Mas, ainda que tenham todo amparo da Pastoral, eles trazem consigo seus problemas que vão desde pessoais a até conflitos entre eles. São jovens que gostam de serem protagonistas, mas que ao mesmo tempo preferem não dividir esse *post*² porque primeiramente percebe que é importante para a ação

² Termo usado para publicações de conteúdos nas redes sociais.

voluntária, e também que através dessas ações aumentam sua popularidade entre os amigos.

Por isso, é necessário um trabalho mais direto com eles, para que entendam que aquele território formado por cada um deles, tem espaço para todos, independentemente sendo mais antigo ou mais novo na Pastoral. Com esse trabalho em rede entre eles, sem dúvidas conseguem desempenharem suas funções de maneira clara e objetiva, sem atrapalhar um ao outro.

5 – Os jovens e suas práticas de sociabilidade e territorialidade fora da Cidade Dom Bosco.

Os jovens da pastoral vivem diversas territorialidades na cidade de Corumbá, pois sempre estão presentes em diversos espaços todos os dias ou aos finais de semana. Sempre buscam suas inter-relações em locais públicos ou privados. É uma maneira de vivenciar as diversas expressões culturais. A prática do *rolê* e é muito comum entre eles, estarem acompanhados de dois amigos ou até em maior número.

Um grande exemplo de *rolê* em Corumbá (MS), é no Porto Geral, às margens do Rio Paraguai. O local é um ponto turístico que durante a semana tem um público expressivo de trabalhadores das embarcações e aos fins de semana, é tomado pelos jovens no período da tarde que uma boa parte vai com os pais e a noite, estão com amigos nas rodas de conversa com música ou bebida (alcoólica e não alcoólica).

Assim experimentam uma ampliação de campos cognitivo e emocional: tudo se pode conhecer, tudo se pode provar. Experimentam a reversibilidade de escolhas e decisões: tudo é passível de mudança e vivenciam a ampliação das experiências simbólicas: tudo pode ser imaginado. DAYRELL e GOMES. (2004, p. 13)

Figura 5 - Porto Geral às margens do Rio Paraguai.



Fonte: Prefeitura Municipal de Corumbá

Outro termo bastante utilizado para esses encontros dos jovens é a *resenha*, termo êmico que se refere descrever um livro ou um artigo, mas muito usado entre eles, principalmente quem mora nas periferias. É uma roda de conversa com bate-papo, interações sobre fatos que acontecem em seu cotidiano na escola, em casa e pessoal.

Em Corumbá, essas *resenhas* ocorrem principalmente na casa dos amigos ou em praças públicas. É também descontrair ou *zoar* com os amigos.

O termo é usado para indicar aquele bate-papo informal em volta de uma mesa para falar da vida, de como foi a semana ou relembrar fatos engraçados. SOARES (2015)

Os jovens que atuam na Pastoral Juvenil Salesiana da Cidade Dom Bosco, convivem também fora da instituição. Além das trocas e partilhas no pátio e na sala de pastoral, eles conseguem se reunir nas casas dos amigos, em lanchonetes, em casas noturnas e nas praças da cidade. Conseguem conciliar os compromissos dentro da instituição com os encontros externos. Nessas situações, eles são mais soltos conversam sobre qualquer assunto e sempre que podem, se organizam para ir em festas na cidade.

Se por um lado, eles buscam diversão e entretenimento com os amigos nestes outros lugares, outros buscam para refúgio e usam a bebida, narguilé, cigarro entre outras coisas para tirarem a tensão.

Não se sentem satisfeitos em apenas saciar a mente com os momentos reflexivos da Pastoral. Buscam estes meios para extravasarem e tentar espantar seus medos e preocupações. Infelizmente, alguns deles acabam consumindo em excesso e com isso vem a dependência por esses consumos.

Em um questionário realizado via Google Forms, perguntei para esses sujeitos as seguintes questões:

- Qual sua idade?
- Quais atividades pastorais você realiza/ajuda na Cidade Dom Bosco?
- Fora da instituição, como você convive com seus amigos?
- Qual o *rolé* de vocês?

- Quais são os assuntos debatido entre vocês fora da instituição;
- Selecione os lugares que vocês mais frequentam com os amigos (múltipla escolha).

Somente 12 conseguiram responder e pedi para eles que não colocassem o nome, para que pudessem responder tranquilamente, sem nenhum tipo de pressão. A seguir, temos as respostas:

Figura 6: Qual sua idade?



Fonte: Via Google Forms

Figura 7: Quais atividades você realiza/ ajuda na Cidade Dom Bosco?

Quais atividades pastorais você realiza/ajuda na Cidade Dom Bosco?
1- Grupo Jovens/Corinhas
2- Celebrações, atividades da ajs e etc
3- Participo do grupo jovem
4- Nenhuma
5- Quadrilha junina
6- Não participo de muitas como gostaria, esse ano estou mais incentivado de participar.
7- Acólito, Pascom, liturgia, Ministério De Música e Jasc
8- Eu sou aluno estudioso no Dom Bosco
9- Sou leitora as vezes
10- Quadrilha Salesianos
11- Voluntário e Educando da Cidade Dom Bosco
12- Nenhum

Fonte: Via Google Forms.

Figura 8: Fora da instituição, como você convive com seus amigos? Qual o "rolê" de vocês?

Fora da instituição, como você convive com seus amigos? Qual o "rolê" de vocês?
1- Não saio
2- Praça, tomar sorvete e outros
3- Tenho uma boa convivência
4- Tereré e jogos
5- Encher a cara
6- Não vejo muito meus amigos, quando vejo vamos sempre jogar um sinuquinha
7- Igreja
8- Toma um tereré
9- A gente sai entre amigos
10- Só treino
11- Ensaios de quadrilha ou na casa de um amigo próximo
12- Escutar música em casa

Imagem: Via Google Forms

Figura 9: Quais são os assuntos debatidos entre vocês fora da instituição?

Quais são os assuntos debatido entre vocês fora da Instituição?
1- Igreja
2- Tudo
3- Muitas coisas, que nem lembro, só papo reflexivo kkkkkk
4- Trabalho, estudos e esportes
5- Quem vai pagar o balde de cerveja
6- São sempre fofocas ou conversas sem sentidos mas que faz qualquer um rir.
7- Igreja
8- A gincana mariana
9- Nenhuma
10- Sobre jogos
11- Religiosidade
12- Quadrilha

Imagem: Via Google Forms

Figura 10: Seleccione os lugares que vocês mais frequentam com os amigos.

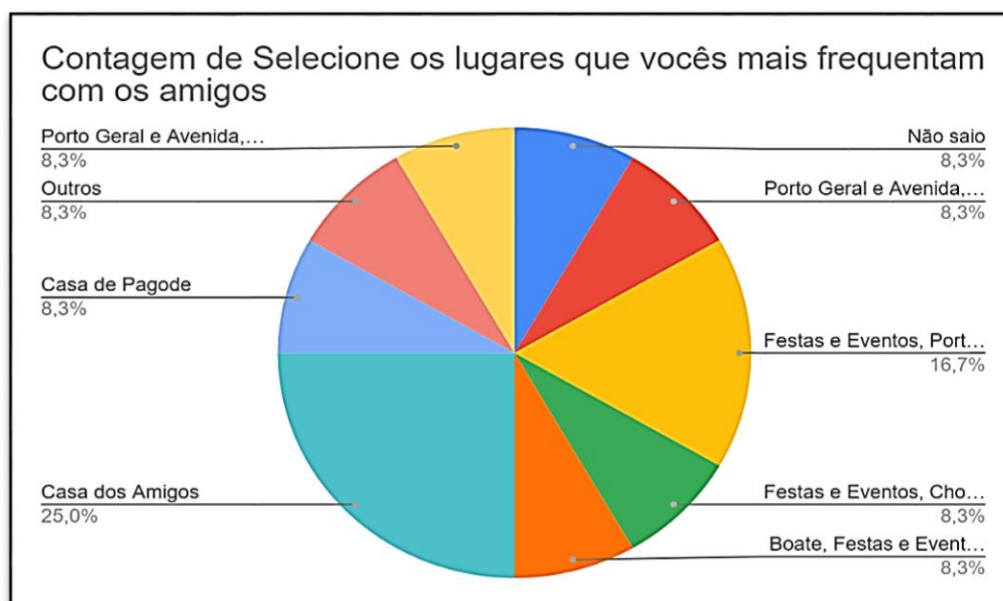


Imagem: Via Google Forms

Como podemos analisar na figura 8, a convivência desses jovens possui diferentes práticas, mas que mesmo assim, conseguem se relacionar com os outros. Essas rodas de conversas sempre são acompanhadas com o Tereré, uma bebida tipicamente regional. Usam através de jogos e dança como a sinuca ou quadrilha junina para se distraírem.

Já na figura 9 informa que os assuntos debatidos entre eles são sobre o esporte, estudos, trabalho (alguns deles são jovens aprendizes) e também um detalhe interessante: falam sobre atividades da igreja (gincana mariana, por exemplo).

E por fim, na figura 10, percebemos que o melhor lugar para eles (a maioria) é na casa dos amigos e ficando como segunda opção festas, eventos e locais públicos como o Porto Geral e a Avenida General Rondon, onde está a Praça Generoso Ponce. Nenhum deles marcaram a opção 'tabacaria' que podemos entender que eles compreendem os riscos que o uso de narguilé pode ser prejudicial para a sua saúde.

Diante da pesquisa, percebemos que as multiterritorialidades desses jovens permitem uma conexão com eles. Mesmo que todos não se encontrem nos mesmos locais citados, eles possuem grupos no WhatsApp que permitem essa interação rápida e direta.

Convivendo com eles, percebo que em determinados momentos, apresentam um comportamento diferente em cada espaço que estão juntos. Na escola e no projeto possuem regras internas e isso acaba limitando seus comportamentos, modos de falar e até a maneira de se vestirem. Já no espaço onde acontecem os ensaios da quadrilha, eles ficam mais à vontade, têm mais liberdade para comentarem assuntos externos (como foi a rotina do final de semana, por exemplo).

Ainda que estejam no mesmo objetivo como ganhar uma competição, nem todos possuem uma boa convivência com alguns do grupo. Uma das justificativas é a falta de maturidade de alguns, visto que, este grupo possui diferentes idades, que variam de 15 a 23 anos. Algumas atitudes são reprovadas por alguns, que por consequência acabam discutindo.

Um exemplo disso, foi no dia 01 de junho de 2023, onde algumas pessoas estavam faltando os ensaios. Uma integrante tentou justificar sua ausência nos ensaios e o porquê das vezes que saía cedo, mas, foi repreendida pela maioria pelo fato de que todos devem ter o mesmo compromisso por igual no grupo de dança.

No dia 02 de junho de 2023 no período da manhã, conversando com alguns destes jovens na escola, perceberam que não é discutindo que vão almejar algo. Eles entendem que estão em um grupo com pessoas diferentes, que pensam diferentes. Mas, é necessário ouvir a realidade do outro, sem antes ofender ou acusar.

Por isso, as duas falas, tanto no ensaio da noite anterior quanto na Cidade Dom Bosco no dia seguintes são da mesma situação. Dentro da instituição, falam com mais cautela os assuntos externos, pois entendem que essas questões precisam ser debatidas com os demais na quadrilha junina.

Fora dela, eles têm mais liberdade para falarem o que pensam, mesmo que acabem deixando alguns desapontados. Ou seja, mesmo que os ensaios sejam no Centro Juvenil Salesiano (atrás da igreja), eles se sentem mais à vontade para expressarem seus sentimentos.

6 – Considerações finais

Diante de tudo que foi pesquisado, compreendemos que os jovens da Pastoral possuem comportamentos diferentes dentro e fora da Cidade Dom Bosco. Eles entendem que dentro da presença salesiana é um local que mesmo dizendo que é de acolhimento e de escuta, não conseguem partilhar seus momentos de lazer com todos que fazem parte. Devo reforçar que, eles não têm interação com todos que fazem parte da instituição. A convivência deles são os mesmos quando não estão lá.

Ainda que o Sistema Preventivo de Dom Bosco ajude muitos educadores no dia-a-dia com seus educandos, eles ainda preferem partilhar (na maioria das vezes) o que fazem com os amigos em um local onde não tenha presença de algum adulto. Inclusive, mesmo ainda sendo jovem, muitas vezes já tentei aproximar dessas rodas de conversas deles, mas acabam mudando de assunto ou tentam amenizar suas falas.

Uma outra maneira de perceber as relações sociais deles é através de compartilhamento de fotos e vídeos no WhatsApp através dos ‘status’ ou até mesmo dentro do grupo da Quadrilha. As postagens variam de rodas de tereré, passeios de bicicletas e nas praças da cidade, como também festas na casa dos amigos.

Essas interações permitem duas coisas: as relações sociais acontecem em todos os lugares que estão juntos. E por um lado isso é bom para o grupo, pois fortalecem as relações construídas ao longo desses anos, mas ainda precisam lidar com as indiferenças, com as diferentes opiniões e maneiras de ser. A outra questão é a aproximação dos outros jovens neste grupo, que mesmo no início se sentem com medo de não ser aceito neste meio, acabam que por conta da convivência diária se juntando aos demais.

Por isso, precisamos acompanhar mais a juventude dos dias atuais; e quando é dito sobre ‘acompanhar’, não significa somente estar perto, mas ouvir suas realidades, suas expectativas e assim de maneira direta ou indireta colaborar para seu crescimento pessoal. As relações como educador dentro da

Cidade Dom Bosco e amigo na Quadrilha Junina, me permitiram ainda mais a aproximação deles. Assim como Dom Bosco que há dois séculos atrás cativou os jovens através do seu método baseado no tripé (razão, religião e *amorevolezza*), podemos seguir seu exemplo nos diferentes espaços que eles convivem.

7 – Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Geralda de. Uma Leitura Etnogeográfica do Brasil Sertanejo. 2022. GeoTextos, 18(2). Disponível em: <https://doi.org/10.9771/geo.v0i2.52226>

ARCOVERDE, Ana. Emprego/Desemprego e Redes de Sociabilidade. In Anais do XXI Seminário Latino-americano de Escolas de Trabalho Social: Chile, 1998. Disponível em <http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/congresos/reg/slets/slets-016-041.pdf>.

BAQUERO, Rute Vivian A; HAMMES, Lúcio Jorge. Juventude, grupos e participação social. Revista Ciências Sociais em Perspectiva, v.5, n.8, 1º sem. 2006, p. 25-37.

BARBOSA, David Tavares. Geografia e trabalho de campo: olhares e perspectivas a partir da abordagem etnogeográfica. Revista de Geografia, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/viewFile/238816/33240>

DAYRELL, Juarez Tarcísio. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira De Educação, (Rev. Bras. Educ., 2003 (24)), 40–52. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>.

FUINI, L. L. Território, Territorialização e Territorialidade: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos. Terr@ Plural, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 225–249, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/6155>.

GOMES, Nilma Lino; DAYRELL, Juarez Tarcísio. A juventude no Brasil. Mimeo. 2004. IBASE/Polis. Juventude e Democracia – Participação, esferas públicas. Relatório final. 2005.

KROEF, Renata Fischer da Silveira; GAVILLON, Póti Quartiero; RAMM, Laís Vargas. Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 20,

n. 2, p. 464-480, ago. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812020000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 de maio de 2023. <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.52579>.

MAIA, R. C. M. . Sociabilidade: apenas um conceito?. Revista Geraes – Estudos em Comunicação e Sociabilidade, Belo Horizonte, n.53, p.4-15, jul. 2001.

MAY, Tim. Pesquisa social: questões, métodos e processos. 3.ed. Trad. Carlos A. Silveira. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADRO REFERENCIAL da Pastoral Juvenil Salesiana. Editora S.D.B. Terceira Edição, 2014.

RAMOS, E. C. M. Fazer etnogeografia na cidade: as práticas espaciais das redes e microculturas juvenis da periferia em torno da festa do fluxo. Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 21, n. 77, p. 71–84, 2020. DOI: 10.14393/RCG217751788. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/51788>

RAMOS, E. C. M.; MILANI, P. H. O Corpo fora de lugar: de uma geografia dos indivíduos para uma geografia dos sujeitos. GEOGRAPHIA (UFF). , v.24, p.1 - 18, 2022.

RAMOS, E.C.M. A construção do capital espacial e da visibilidade social pela microcultura juvenil do low na cidade de Marília/SP. GEOGRAPHIA (UFF), v. 20, p. 84, 2018.

RAMOS, E.C.M. As etnogeografias dos rolês dos jovens das periferias : o capital espacial 2021 e a luta por visibilidade na cidade. Curitiba-PR: Appris, 2021, v.1. p.197.

RAMOS, Élviz Christian Madureira. As culturas juvenis a partir da perspectiva socioespacial e o caso dos “rolezinhos” nos shopping centers em duas cidades médias. Revista Ciência Geográfica – Bauru – XIX – Vol. XIX, 2015. Disponível

em:https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXIX_1/agb_xix1_versao_internet/Revista_AGB_dez2015-11.pdf.

SOARES, REGIANE. Roda de resenha é o novo bate-papo da periferia. 2015. Agora São Paulo. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/06/1642152-roda-de-resenha-e-o-novo-bate-papo-da-periferia.shtml#:~:text=%22Tirar%20uma%20resenha%22%20ou%20%22,entre%20os%20jogadores%20de%20futebol>.

TURRA NETO, N. A noção de geração no estudo das transformações do espaço urbano: contribuições e práticas culturais na produção da cidade. In: OLIVEIRA et al (Org). Geografia Urbana: ciência e ação política. Rio de Janeiro: Consequência, p. 317-342, 2014.

TURRA NETO, N. Juventudes e territórios na cidade. In: PASSOS, M. M. dos.; CUNHA, L.; JACINTO, R. As novas geografias dos países de língua portuguesa: paisagens, territórios e políticas no Brasil e Portugal. São Paulo: Outras Expressões, 2012. p 425-433.